



COLLOQUE

**"Para o leitor ler
de/vagar"
Herberto leitor,
leitores de
Helder**

PROGRAMME

**3–5 OCTOBRE
2024**

ORGANISATION

Rita NOVAS MIRANDA (CRIMIC | Sorbonne Université)

Daniel RODRIGUES (CELIS | Université Clermont Auvergne)

COMITÉ SCIENTIFIQUE

Ana Cristina JOAQUIM (Universidade Estadual de Campinas)

Daniel RODRIGUES (CELIS | Université Clermont Auvergne)

Daniel TAVARES (ILCML | CEHUM | Instituto Politécnico de Viana do Castelo)

Diana PIMENTEL (ILCML | Universidade da Madeira)

Eunice RIBEIRO (CEHUM | Universidade do Minho)

Fernando CUROPOS (CREPAL | Sorbonne Nouvelle)

Fernando VELASCO (ILCML | Universidade do Porto)

Gonçalo CORDEIRO (CRILUS | Université Paris Nanterre)

Ilda MENDES DOS SANTOS (CREPAL | Sorbonne Nouvelle)

Izabela LEAL (Universidade Federal do Pará)

Joana MATOS FRIAS (CEC | Universidade de Lisboa)

José Manuel ESTEVES (CRILUS | Université Paris Nanterre)

Lilian JACOTO (Universidade de São Paulo)

Luís MAFFEI (Universidade Federal Fluminense)

Maria Lúcia DAL FARRA (Universidade Federal de Sergipe)

Paola POMA (Universidade de São Paulo)

Pedro EIRAS (ILCML | Universidade do Porto)

Raquel GONÇALVES (Centro de Literatura Portuguesa | Univ. de Coimbra)

Rita NOVAS MIRANDA (CRIMIC | Sorbonne Université)

Rosa Maria MARTELO (ILCML | Universidade do Porto)

Rui TORRES (ICNOVA | Universidade Fernando Pessoa)

COMITÉ D'ORGANISATION

Bertrand GOMIS (CELIS | UCA)

Rita NOVAS MIRANDA (CRIMIC | Sorbonne Université)

Daniel RODRIGUES (CELIS | UCA)

STAGIAIRES

Mohamed DIAGNE

Naryany MORAIS JUVENCIO

image : @Armando Alves, reproduzido
a preto e branco na plaquete
A Plenos Pulmões, de Herberto Helder
(Porto, Oiro do dia, 1981)

3 OCTOBRE 2024



Maison des Sciences de l'Homme
Amphi 219

14h30 Accueil des participants

15h00 Cérémonie d'ouverture

15h30 - Séance I (leitor de si)

Modération : Daniel Rodrigues

Herberto Helder: “tenho uma cabeça firma”

Paola Poma

(Universidade de São Paulo)

Herberto Helder, leitor de Herberto Helder

Ana Cristina Joaquim

(Universidade de Campinas)

16h30 - Séance 2 (alquimia da linguagem)

Modération : Ana Cristina Joaquim

Herberto Helder leitor de Lícfron: obscuridade e profecia no domínio da escrita intencional

Leonardo Chioda

(Universidade de São Paulo)

“Dat rosa mel apibus”: o cultivo dos alquimistas em Herberto Helder

Sérgio Manuel Valadas das Neves

(Universidade Nova de Lisboa)

As muitas casas da escrita poética de Herberto Helder

Rosely de Fátima Silva

(Universidade de São Paulo)

17h30 Pause café

18h00 - Séance 3 (traduzir o mundo)
Modération : Lilian Jacoto

À escuta do mundo: as “translações” de Herberto Helder

Catherine Dumas

(Sorbonne Nouvelle | CREPAL)

A Arte de conectar mundos: metamorfose e ecologia em Herberto Helder

Izabela Leal

(Universidade Federal do Pará)

19h00 - A Biblioteca de Herberto Helder
Modération : Rita Novas Miranda

Fernanda Salgueiro Bandeira

(Câmara Municipal de Lisboa | Biblioteca Palácio de Galveias)

20h30 Dîner (Le Devant)

4 OCTOBRE 2024



Maison des Sciences de l'Homme, Amphi 219

08h45 Accueil des participants

09h00 - Séance 4 (intertextos I)
Modération : Amândio Reis

No meio do caminho tinha uma nota (Herberto Helder, Anthony Grafton)

Pedro Eiras

(Universidade do Porto | ILCML)

09h50 – Séance 5 (intertextos 2)
Modération : José Manuel Esteves

Tolentino Mendonça, leitor de Herberto Helder: geografias poéticas, insularidade e condição colonial

Gonçalo Cordeiro
(Université de Paris Nanterre | CRILUS)

Leitores de Herberto: um diálogo em *fast-foward*. A sùmula de Herberto Helder e a soma de Gonçalo M. Tavares

Raquel Gonçalves
(Universidade de Coimbra | CLP)

10h30 Pause café

11h00 – Séance 6 (intertextos 3)
Modération : Paola Poma

“um coração que repete versos”: Daniel Faria, leitor de Herberto Helder

Ana Sofia David
(Universidade Nova de Lisboa | IELT)

Ao encontro do encontro – Herberto Helder e Carlos de Oliveira pela mão de Manuel Gusmão

Mariana de Carvalho
(Universidade Nova de Lisboa | Universidade de Warwick | IELT)

12h00 Exposition “Para o leitor ler de/vagar”. Herberto Helder
(recherche et organisation : Diana Pimentel | Direction artistique : Filipa Cruz)
Biblioteca Maria-Hélène Lafon
Site Gergovia

13h00 Déjeuner (Restaurant du Jardin)

15h00 – Séance 7 (objetos do mundo)

Modération : Gonçalo Cordeiro

Helder cronista: entre a esttica da testemunha ocular e a escrita das circunstâncias do cotidiano

Ailton Sobrinho

(Universit Clermont Auvergne | CELIS)

Herberto Helder e a íntima unidade do poema com as coisas e os objetos

Maria Aparecida Fontes

(Universit Degli Studi di Padova)

15h40 Pause café

16h00 – Séance 8 (morte do poema)

Modération : Maria Aparecida Fontes

Auschwitz, dia imparcial e invariável: Herberto Helder (tres)leitor de Adorno e Celan

Antnio Pedro Marques

(Universidade do Porto | ILCML)

Como um poema deitado  fossa: o primeiro e último Helder

Daniel Tavares

(Instituto Politécnico de Viana do Castelo | CEHUM)

17h00 – Séance 9 (reescritas)

Modération : Daniel Rodrigues

Húmus reimaginado: reconfiguração criativa de Herberto Helder e Raul Brandão em *Húmus Poema Contínuo*

Rui Torres

(Universidade Fernando Pessoa | ICNova)

18h00 – Herberto Helder et le cinéma

Lieu : La Jete - 6, Place Michel-de-L'Hospital - Clermont-Ferrand

Présentation : Rita Novas Miranda (Sorbonne Universit | GRIMIC)

Cães Marinheiros (2007), Joana Toste

As Deambulaes do Mensageiro Alado (1969), Edgar Gonsalves Preto

20h00 Dner (La Rgalade)

5 OCTOBRE 2024



Maison des Sciences de l'Homme, amphi 219

08h45 Accueil des participants

09h00 – Séance 9 (obra)
Modération : Pedro Eiras

Privado lume

Diana Pimentel

(Universidade da Madeira | ILCML)

09h50 – Séance 10 (arte)
Modération : Raquel Gonçalves

uma flor no umbigo: um diálogo entre Herberto Helder e Rui Chafes

Rita Anuar

(Universidade Nova de Lisboa | IELT)

“Ver sempre o poema como uma paisagem”. Herberto Helder lido pelos Artistas

Bruno Marques

(Universidade Nova de Lisboa | IHA | IN2PAST) |

Eunice Ribeiro

(Universidade do Minho | CEHUM)

11h00 – Séance 11 (os passos em volta)
Modération : Catherine Dumas

Um espírito difuso e inevitável: Os Passos em Volta

Amândio Reis

(Universidade de Lisboa | CEC)

Os Passos em Volta e a construção da casamorte

Lilian Jacoto

(Universidade de São Paulo)

12h30 Déjeuner (L'Odevie)

15h00 Visite Puy-du-Dôme (rendez-vous en face du restaurant)

17h20 Retour à Clermont-Ferrand (départ à la station du haut du Panoramique des Dômes)

RÉSUMÉS

Rita ANUAR

Universidade Nova de Lisboa | Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

Titre : uma flor no umbigo: um diálogo entre Herberto Helder e Rui Chafes

Résumé : Nesta comunicação pretende-se instaurar um diálogo entre a produção poética de Herberto Helder e a produção plástica do artista contemporâneo Rui Chafes. Tendo ambos desenvolvido uma relação de amizade, pretendemos avançar com a defesa da existência de alguns eixos de contaminação entre a obra do “poeta obscuro” e a do escultor. O corpo e a natureza desempenham um lugar importante nas obras de Helder e Chafes. O corpo é uma zona de forças e intensidades: o avesso do corpo é o lugar dos órgãos, mas também o lugar da carne e do sangue, que tal como o mundo vegetal, está em permanente transmutação/transusão. Da mesma maneira que uma raiz se multiplica, também o sangue coagula e as feridas fecham. No entanto, se para Chafes existe um perfurar da carne, pretendemos defender que Helder a deixa intacta, criando, com o corpo, um poema “na confusão da carne” (Helder). Noutra via, prestando ênfase à noção de metamorfose, ou “simbiose” (Rodrigues Lopes), iremos analisar as diferenças que estes conceitos desempenham no trabalho de cada um dos autores. No caso de Chafes, a noção de metamorfose é habitada pelo ímpeto corrosivo do “método infernal” de William Blake, optando pelo caminho da destruição. Em Helder, a metamorfose é um índice vivo, e a ideia de fluxo e continuidade sobrepõe-se à desilusão [*Enttäuschung*]. O mundo é um contínuo em devir. Um organismo vivo. Procuraremos sustentar, por último, que se Chafes procura a noção de transcendência, herdada do Romantismo – a dualidade entre o céu e a terra, a luz e a sombra, o interior e o exterior –, Helder persegue o “feixe de energia”, o contínuo, aproximando-se pelo contrário, da noção de imanência.

Leonardo CHIODA

Universidade de São Paulo

Titre : Herberto Helder leitor de Lícofron: obscuridade e profecia no domínio da escrita intencional

Résumé : Dentre as epígrafes mais emblemáticas de Herberto Helder, destaca-se a de *Apresentação do Rosto*, livro publicado originalmente em 1968 e fora de circulação até sua reedição, em 2020. O excerto é uma passagem de “Alexandra”, único texto acessível do poeta grego Lícofron, dito “o obscuro”: um monólogo “enigmático e genial”, segundo a crítica literária. Nesse texto, a profetisa Cassandra descreve o passado e desvela cenas do futuro de sua terra, como a queda de Tróia e a fundação

de Roma, além de relatar a *Odisseia* de Homero e antecipar a *Eneida* de Virgílio. A partir das possíveis associações entre o excerto de Lícfron mudado para o português e o “ofício cantante”, o presente estudo pretende aproximar o personagem-autor do livro, o *poietés*, à figura do *mántis*, o adivinho, aquele que assume a obscuridade como um de seus temas e propor que Herberto Helder consagra, por meio da reinvenção do passado, da acronia e de uma prática bastante própria de tradução, a intencionalidade como um dos recursos de sua obra.

Gonçalo CORDEIRO

Université Paris Nanterre | Centre de recherches interdisciplinaires sur le monde lusophone

Titre : Tolentino Mendonça, leitor de Herberto Helder: geografias poéticas, insularidade e condição colonial

Résumé : Esta comunicação analisará algumas referências explícitas ao poeta Herberto Helder encontradas na poesia de Tolentino Mendonça. Enquanto os dois poetas atribuem uma importância central à questão do sagrado, as suas abordagens diferem: o sagrado na poesia de Herberto é marcado pelo seu caráter “obscuro”, onde a alquimia e a liturgia se entrelaçam, já na de Tolentino, este caracteriza-se essencialmente pelo seu aspecto hermenêutico, centrado numa retórica do olhar e da revelação. Originários da Madeira, Tolentino designa Herberto como uma figura tutelar no seu primeiro livro *Os Dias Contados* (1990), nomeadamente através do poema “A infância de Herberto Helder”, que coloca os dois poetas numa mesma geografia insular emergindo de um tempo mítico, o da origem da poesia. Na obra *Introdução à Pintura Rupestre* (2021), Tolentino explora a experiência da vida sob o regime colonial em Angola, uma realidade que Herberto também conheceu: examinaremos como essa conexão, reforçada por uma epígrafe extraída de *A Colher na Boca*, ilumina a poesia enquanto uma transição sagrada entre a memória do tempo mítico e a do tempo da história.

Ana Sofia DAVID

Universidade Nova de Lisboa | Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

Titre : “um coração que repete versos”: Daniel Faria, leitor de Herberto Helder

Résumé : Um ano antes da sua morte, Daniel Faria, em entrevista a Francisco Duarte Mangas, concordara que a sua poesia entrava no universo de Herberto Helder (2019, p. 19). No mesmo ano, em “Auto-retrato de um artista enquanto agora”, confessava: “O meu retrato é um homem que observa as suas mãos. É um coração que repete os versos de Herberto Helder: ‘Encontrei depois o lugar onde deitar a cabeça e não ser mais ninguém que se saiba’. (...) Eu sabia que o lugar era a pedra, mas só depois fiz da pedra o meu lugar” (2019, p. 9). Estas palavras parecem ter-se repetido no coração de Faria, como se lê nos versos iniciais de “Labirinto III”, em *Explicação das Árvores e Outros Animais*, “No meio do caminho da nossa vida/ No meio do poema, havia / Uma pedra onde reclinar a cabeça” (2012, p. 68), ou os do terceiro homem, em *Sétimo Dia*,

“Penso na pedra onde reclinar a cabeça. Ponho a pedra na cabeça. E equilíbrio-a sem nunca adormecer” (2021, p. 94). Outra “palavra fundamental” é mão. Em Helder, por exemplo, a mão pode escrever negro, pensar ou não falar; em Faria, esta serve para beber, curar, semear. Mas as mãos podem desempenhar outras funções, como apoiar a cabeça ou escrever. E o que acontece quando a direita é substituída pela esquerda, como em *Sétimo Dia*, quando o segundo homem é amputado (2021, p. 63) e terá de, segundo Helder, aprender a trabalhar “nas superfícies centrífugas” (2021, p. 433). Assim, partindo de linhas de força como pedra, cabeça e mão, considerando o fazer poético de Daniel Faria e a máquina lírica de Herberto Helder, traçaremos um mapa de encontros e desencontros entre o poeta leitor e o poeta lido.

Catherine DUMAS

Sorbonne Nouvelle | Centre de recherches sur les pays lusophones

Titre : À escuta do mundo: as “translações” de Herberto Helder

Résumé : A palavra “translação” tanto abarca a produção de tradutor que Herberto Helder chamou de “poemas mudados para o português” como as suas ideias, teorias sobre a tradução em relação com a criação da poesia. Estende-se à sua forma de praticar a interligação com a poesia dos outros, manifestando-se esta com a organização de antologias, por exemplo. Sendo a parte dos “poemas mudados” a mais evidente, começarei por basear-me em certas propostas tradutológicas da nossa contemporaneidade, começando por Benjamin e prosseguindo com a famosa “transluciferação” de Haroldo dos Campos e os seus seguidores, de forma a analisar o conjunto de poemas helderianos “mudados” como os *Poemas Ameríndios*. Confrontarei as ideias que Helder desenvolveu a partir da sua actividade tradutória em textos de referência (*O Bebedor Nocturno*, *Photomaton & Vox*, entre outros), referindo-me aos textos já aludidos de outros pensadores. A “escuta do mundo” é, antes de tudo, no caso da poesia de Helder, escutar o mundo da poesia, comunicar com ele. A atenção que o poeta português confere a tal atitude dá lugar ao gesto antológico que analisarei a partir de *Edoi Lelia Doura. Antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa* e duma antologia ainda inédita de quadras populares portuguesas.

Pedro EIRAS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto | Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

Titre : No meio do caminho tinha uma nota (Herberto Helder, Anthony Grafton)

Résumé : Um poema de Herberto Helder, em *Servidões* (2013), inclui esta nota final: “Bibliografia dispensável: / Les origines tragiques de l’érudition. Une histoire de la note de bas de page. Anthony Grafton (trad. Antoine Fabre).” O meu ensaio pretende colocar algumas questões que decorrem do carácter insólito desta referência bibliográfica: o que faz uma nota no fim de um poema? O que é uma “bibliografia dispensável”, e até que ponto podemos acreditar numa tal designação? Que relações

existem entre estes versos de *Servidões* e esta referência a um texto teórico? Como se lê, como se lê um poema, como se lê Herberto Helder?

Maria Aparecida FONTES

Università Degli Studi di Padova

Titre : Herberto Helder e a íntima unidade do poema com as coisas e os objetos

Résumé : Inserido no mesmo nível da matéria orgânica e capaz, por sua vez, de pôr em movimento processos de significação de maneira autônoma, os objetos existem independentemente da percepção humana, e a sua atividade ontológica não se limita à sua relação com os vivos. Na obra de Herberto Helder, o poema, por não ser um objeto útil ou decorativo, mas “irreal” e “vivo”, é regido por um princípio de “simetria geral”, segundo o qual o humano e o não humano (a máquina), o orgânico e o inorgânico, a Natureza e a Cultura estão no mesmo nível semiótico. Os objetos que o compõem tornam-se entidades intermediárias em perpétuo equilíbrio entre o estatuto de sujeito e o estatuto de objeto. A laranja, a faca, as máscaras, os tecidos, as tábuas pintadas, os botões, as plumas, as pedras mágicas, as cestas de frutas, a casa e até mesmo a pele pertencem ao “cotidiano da maravilha” – uma paisagem misteriosa, emaranhada e profunda (a palavra pintada e contínua) que se relaciona intimamente com o sujeito, “entrando como sabedoria pelo corpo evocativo”. O antropocentrismo, aqui, é substituído por uma nova concepção da realidade em que o objeto adquire uma posição substancial sem precedentes. Nessa perspectiva, proponho uma reflexão acerca do significado das coisas e dos objetos inscritos em suas formas, usos e trajetórias que funcionam dentro do corpo poemático herbertiano como reescrita (descentrada) da história cultural, seja através da redescoberta da importância que um singular objeto teve num determinado momento histórico, seja através da reflexão sobre a retórica específica de sua “origem”.

Raquel GONÇALVES

Universidade de Coimbra | Centro de Literatura Portuguesa

Titre : Leitores de Herberto: um diálogo em *fast-foward*. A súplica de Herberto Helder e a soma de Gonçalo M. Tavares

Résumé : Se Herberto Helder, apesar de recusar quaisquer filiações, dialogou com uma série de escritores e poetas, esta comunicação pretende, num movimento em *fast-foward*, inverter esse diálogo e demonstrar os que hoje dialogam com o poeta. Pretendo, sobretudo, estabelecer uma ligação dialogante, em termos de projeto e de mecanismo, para demonstrar como, em sentido programático e perseguindo uma certa ideia de literatura, enquanto modo de fazer e utilidade, a demanda de Herberto Helder está presente em autores como, por exemplo, Gonçalo M. Tavares. A ligação entre um poeta e a servidão de uma vida inteira para fundar um único poema e um autor profuso como Gonçalo M. Tavares, na sua multiplicidade de géneros, pode parecer estranha; sobrevém, contudo, um diálogo que se toca em termos de projeto literário, de ideia de literatura, de uso da linguagem. Parece-me poder afirmar-se

que em Helder e em Tavares existe, à partida, a possibilidade de duas concretizações distintas, mas também em alguns pontos dialogantes. Em Tavares, a multiplicação de construções que usam como referência um vasto campo literário caracterizado por diversas formas específicas: poesia, romance, ensaio romanceado, só para citar alguns exemplos. Em Helder, a multiplicação de variações dentro de uma mesma construção, a exploração combinatória no interior das estruturas sintáticas de um poema que se estende e ramifica; no caso de Tavares essa exploração ocorre nas macro-estruturas narrativas e textuais que definem géneros, estilos e mundos ficcionais distintos. Ou seja, a afinidade parece ter expressão em níveis diferentes da articulação discursiva, mas, ainda assim, próximas no seu funcionamento enquanto projeto literário. Pretendo explorar as aproximações dialogantes entre os dois autores no que se refere à ideia de literatura, à linguagem e, sobretudo, à forma como estas duas matérias podem tocar e servir uma certa compreensão do mundo, no sentido pessoal e no sentido universal. Ou seja, como um projeto de sùmula e um projeto de soma, podem, afinal, operar literariamente de forma semelhante.

Lilian JACOTO

Universidade de São Paulo

Titre : *Os Passos em Volta* e a construção da casamorte

Résumé : Se a poesia de Herberto Helder gravita em torno de um núcleo mitogênico – a casinfância – donde emana toda a potência criadora e imagética da lírica, os contos de *Os Passos em Volta*, desde a elipse de seu título, atuam na construção da casamorte – dentre os movimentos de um narrador que atravessa países e línguas com o intuito de criar o retorno. Pretende-se, com este estudo, examinar a gesta dessa viagem em dupla espiral, em diálogo com o tema do *memento mori* barroco, bem como com o pensamento de Sêneca e a releitura deste por Michel Foucault – todos à volta de uma estética da existência.

Ana Cristina JOAQUIM

Universidade de Campinas

Titre : Herberto Helder, leitor de Herberto Helder

Résumé : É sabido que, ao longo de toda sua atividade criativa, Herberto Helder escreveu e reescreveu, emendou e alterou, de diversas maneiras, seus poemas e textos, de modo a publicá-los, por vezes em diferentes contextos, por vezes apenas parcialmente o que havia já sido publicado. A presente comunicação, trata, portanto, de observar alguns desses deslocamentos textuais, e trata, sobretudo, de perseguir os momentos de seu trabalho em que o processo de autorreflexão baliza o autor como o maior crítico de sua obra, propondo, assim, um desdobramento ou um espelhamento da figura do autor na figura leitor, e vice-versa, de forma que ambos ocupariam o mesmo espaço discursivo.

Izabela LEAL

Universidade Federal do Pará

Título : A Arte de conectar mundos: metamorfose e ecologia em Herberto Helder

Resumo: Há algumas décadas a ecologia vem trazendo novos aportes para pensarmos a relação com a natureza, fora das concepções instrumentalizantes. Em um livro já não tão recente, intitulado *A Nova Aliança* (1984), Ilya Prigogine e Isabelle Stengers chamam a atenção para a necessidade da constituição do saber científico como “escuta poética” da natureza. Mais recentemente, ao pensar a metamorfose como um processo que conecta todas as espécies viventes sobre a face da Terra, o filósofo Emanuele Coccia, no livro *Metamorfoses* (2020), enfatiza igualmente o dispositivo de devir a partir do qual cada corpo está sempre em transformação, estabelecendo conexões temporais e espaciais com outros corpos e elementos, e assumindo novas formas, num gesto de destruição e recriação de si. Do mesmo modo, na poética de Herberto Helder, o poema pode ser pensado como uma rede de infinitas e múltiplas relações entre tempos e espaços distintos, configurando um emaranhado de textos, mundos e linguagens atravessado por diferentes regimes de conhecimento. Privilegiando a metamorfose como única “lei abrangendo tanto o mundo das coisas como o da imaginação”, Herberto Helder pode ser lido como um autor que procurou desfazer as dicotomias estanques elaboradas pelo pensamento ocidental, tais como a oposição entre natureza e cultura, inscrevendo-se numa linha de raciocínio que tem muito a contribuir com o pensamento ecológico atual, desenvolvido também por pensadores indígenas como Ailton Krenak e Davi Kopenawa, imprescindível para refletirmos acerca das estratégias de preservação do nosso mundo, bem como do lugar que ocupamos nele.

Antônio Pedro MARQUES

Universidade do Porto | Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

Título : Auschwitz, dia imparcial e invariável: Herberto Helder (tres)leitor de Adorno e Celan

Resumo : A partir de *A Faca não Corta o Fogo* (2008), Herberto Helder inicia um complexo processo de transformação da sua poesia, inserível na noção de “estilo tardio” (Edward Said) e marcada, entre outros aspectos, pela inclusão no poema de “biografemas” (Rosa Maria Martelo) e da “contingência histórica” (António Guerreiro). Nesta comunicação interessa-me explorar: 1) a forma como este segundo ponto está presente num poema do livro de 2008, “[limoeiros, riachos, faúlhas, montes levantados ao de cima da cabeça,]”, desde logo pela nomeação (metonímica) de Auschwitz por cinco vezes, também pela alusão ao que “vem nos jornais”; 2) que diálogos, mais ou menos explícitos, se operam com outros autores que Helder lê ou, proponho, treslê propositada e criticamente: à cabeça, Adorno e Celan, mas também Pound. Pergunta-se, no texto, “como foi possível” escrever poemas não só “depois” de Auschwitz (leia-se, todas as Auschwitz na história do mundo), como também “antes”, e escreve-se ainda que “o poema retoma a sua fala bárbara” – que leitura de Adorno,

mas também de Hölderlin, está aqui em jogo? Lê-se também, no mesmo poema, que “Auschwitz é sempre contra os mesmos,/ e sempre se escreveu na língua do inimigo,/ e escreve-se nessa língua porque é preciso que o inimigo não compreenda nunca” – que leitura fazer da evocação do projecto de Celan, o de implodir a língua do III Reich e da Shoah? Que nos diz Herberto, neste poema, sobre os limites da poesia?

Mariana NASCIMENTO DE CARVALHO

Universidade Nova de Lisboa | Universidade de Warick | Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

Titre : Ao encontro do encontro – Herberto Helder e Carlos de Oliveira pela mão de Manuel Gusmão

Résumé : Ao encontro do encontro vão duas mãos que, por intermédio de Manuel Gusmão, se cruzam: a mão de Carlos de Oliveira, sob o lado esquerdo, e a mão canhota, de Herberto Helder. O resultado é um corpo outro: uma terceira mão, nem de Helder nem de Oliveira, mas outra, indefinidamente outra, que se procurará revelar. Gusmão enlaça os dedos dessas duas mãos. Começa por investigar o modo como Herberto Helder integra textos de Carlos de Oliveira na antologia *Edoi Lelia Doura*, colocando-o entre uma constelação de poetas habitualmente integrados na tradição surrealista. Depois, num processo de mutilação poética, Gusmão corta a mão a Helder e a Carlos de Oliveira para as articular de novo em poemas seus, obrigando a um encontro poemático entre ambas as escritas, entre as palavras de um e de outro, com as suas próprias, também. O poema troca, assim, de mãos, fazendo-se outro, sem nunca perder a mão... Como bem notam Ida Alves ou Rosa Maria Martelo, Gusmão fabrica constelações de textos, constelações de poetas. Mas se é evidente a presença de Herberto Helder e de Carlos de Oliveira como eixos em torno dos quais a poesia e o ensaísmo de Gusmão se movimentam, importa perceber essa relação em torno da mutilação e reconstrução: duas mãos dadas; cortadas, mas depois cosidas juntas, mas para sempre mutantes: outras. Procurar-se-á, num primeiro momento, ler Carlos de Oliveira em Herberto Helder. Que poemas escolhe Herberto Helder incluir em *Edoi Lelia Dora*? Que tradições rompe com esta escolha? Que leitor de Carlos de Oliveira é Herberto Helder? Em segundo lugar, desvelar os encontros entre Carlos de Oliveira e Herberto na própria poesia do Manuel Gusmão. Em terceiro lugar, por fim esclarecer o estatuto dessa terceira mão indefinidamente outra.

Diana PIMENTEL

Universidade da Madeira | Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

Titre : Privado lume

Résumé : Entre 2015 e 2017, foram editadas 25 cartas de Herberto Helder a Gastão Cruz (*Relâmpago* nº 36/37, 2015), dos anos 1972 a 2015, e 17 dirigidas a António Ramos Rosa (*Colóquio-Letras*, nº 196, 2017), dos anos 1957(?) a 1986. No primeiro caso, “há [cartas] que propici[a]m que o autor fale da sua própria obra”, para além de traçarem um retrato da “produção literária da época” (p. 141). No segundo caso, o

“epistolário herbertiano” (p. 44) dirigido a António Ramos Rosa constitui um diálogo entre “dois titãs da poesia da segunda metade do século XX”, que “nos permite [...] conhecer até certo ponto os bastidores da escrita e do meio literário português em meados do século XX” (p. 43), para além de permitir observar a “exigência com que olhava não apenas para a sua obra como para a dos outros”; razão por que se conclui que “seria desejável ler mais cartas de Herberto Helder” (p. 46). Neste hiato, em Novembro de 2016, a Professora Doutora Maria Lúcia Dal Farra fez uma doação à Universidade da Madeira de 52 peças epistolares de Herberto Helder, dos anos 1973 a 1988, num gesto por si descrito como o de estar a devolver “ao seu lugar originário” este acervo inédito. A hipótese que pretendo colocar, deslocada da biografia, é a de que, da leitura deste conjunto, talvez possa resultar a construção de um esboço de uma arte poética, naturalmente fragmentária, e a macroestrutura da sua obra, que mantém estreitas e porosas relações, quer com o que até então Herberto havia publicado, quer com o que concebia vir a publicar.

Paola POMA

Universidade de São Paulo

Titre : Herberto Helder: “tenho uma cabeça firma”

Résumé : Em *Photomaton & Vox*, livro híbrido com marcas das “ramificações autobiográficas” do poeta, interessa perceber a presença do pensamento freudiano na sua estrutura. Se, por um lado, temos o diagnóstico dado pelo psicanalista de que Herberto Helder “tinha a cabeça firme”, por outro, a assunção de tal estado deriva para a possibilidade de pensar nos sonhos, na morte, na loucura. Portanto, a oposição entre a solidez da cabeça (razão/consciente) e a fluidez de tudo que a habita (desrazão/inconsciente) como imagem/pensamento se revela na escrita muito próxima à linguagem dos sonhos. Deslocamento e condensação são técnicas que se misturam à lei da metamorfose, fundamental para a obra do autor. Este percurso será pensado a partir de trechos de *Photomaton & Vox*, *Apresentação do Rosto* e algumas imagens poéticas.

Amândio REIS

Universidade de Lisboa | Centro de Estudos Comparatistas

Titre : Um espírito difuso e inevitável: *Os Passos em Volta*

Résumé : Decorridos mais de sessenta anos desde a publicação de *Os Passos em Volta*, em 1963, o discurso crítico em torno deste título, a vários níveis singular na obra de Herberto Helder, tem atendido sobretudo a duas questões preponderantes: a biobibliografia e o género literário. Reconhecendo a importância de ter em conta, por um lado, os ecos da vida e da obra (anterior e futura) do autor no seu primeiro livro de prosa, e, por outro lado, o problema da conformação genológica dos textos que o compõem, algures entre o conto, o ensaio e o poema em prosa, esta apresentação terá como objectivo principal a discussão de um outro aspecto, diferente mas indissociável destes, que se pode identificar em resumo como a dimensão espectral de *Os Passos em Volta*. À luz daquele espírito paradoxalmente

“difuso e inevitável” que encontramos no texto que fecha o volume (“Trezentos e sessenta graus”), procurar-se-á explorar *Os Passos em Volta* como um livro coral, além de circular, cujas vozes fantasmáticas, sejam elas diluídas, recorrentes ou transfiguradas, se compreendem melhor numa visão de conjunto.

Eunice RIBEIRO

Universidade do Minho | Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

Bruno MARQUES

Universidade Nova de Lisboa | IHA | IN2PAST

Títire : “Ver sempre o poema como uma paisagem”. Herberto Helder lido pelos Artistas

Résumé : No universo poético dinâmico e expansivo de Herberto Helder, o convívio com os artistas e as artes visuais acontece desde os primeiros livros publicados pelo autor, em finais da década de 50 do século XX, prolongando-se no tempo para além da morte do poeta até à contemporaneidade. Neste ensaio, propomos percorrer criticamente, sem propósitos de exaustividade, um trajeto de leitura artística da poesia herbertiana que acolheu nomes consagrados da arte portuguesa contemporânea como os de Lourdes Castro e João Vieira, do mesmo modo que continua a alimentar a criatividade de gerações mais recentes de artistas – falaremos aqui de Patrícia Lino, Hélder Folgado e Mariana Viana – cujos trabalhos materializam no seu conjunto incessantes derivações dialogais e intermediais do corpo vivo e contínuo de um Poema que não cessa de mudar-se e de reescrever-se, entre palavra e imagem.

Fernanda SALGUEIRO BANDEIRA

Câmara Municipal de Lisboa | Biblioteca do Palácio Galveias

Títire : A Biblioteca de Herberto Helder

Résumé : A reflexão pessoal do poeta Herberto Helder, expressa num texto inédito sobre sua própria biblioteca, serve de base para retratar todo o processo de integração, tratamento e disponibilização da coleção na Biblioteca Palácio Galveias, após a sua aquisição pela Câmara Municipal de Lisboa. Este processo revela como a coleção foi cuidadosamente inserida no novo espaço, preservando a organização e o caráter singular que o poeta conferiu à sua biblioteca ao longo dos anos. O trabalho envolveu a adaptação das estantes e a disposição dos livros para recriar o ambiente original da biblioteca de Herberto Helder, além de um meticuloso esforço de conservação e catalogação da coleção. O objetivo é proporcionar aos leitores, investigadores e visitantes uma experiência autêntica e profunda, que os conecte com o universo pessoal e literário do poeta.

Rosely de Fátima SILVA

Universidade de São Paulo

Titre : As muitas casas da escrita poética de Herberto Helder

Résumé : Em *Photomaton & Vox*, Herberto Helder discorre, inúmeras vezes, sobre a natureza da sua escrita poética. Esta apresentação analisará alguns poemas e trechos de sua obra em prosa, com dedicada atenção a dois aspectos desta escrita: a função da memória na composição de sua obra e o quanto a discussão do poeta sobre sua própria obra o leva a compor uma escrita poética que se aproxima de questionamentos onto-poéticos, em um percurso pelas muitas casas herbertianas.

Ailton SOBRINHO

Université Clermont Auvergne | Centre de recherches sur les littératures et la sociopoétique

Titre : Helder cronista: entre a estética da testemunha ocular e a escrita das circunstâncias do cotidiano

Résumé : Como correspondente em Angola para o jornal *Notícia*, Helder forjou uma postura de cronista para descrever as circunstâncias do cotidiano. Desprendido de sua identidade de poeta e vestido de seu papel de jornalista, o autor concebeu crônicas e reportagens frequentemente desatreladas da temática da guerra colonial e distantes de uma escrita fundamentada na urgência própria da correspondência de guerra. Praticando uma escrita flutuante, o autor lançou seu olhar sobre os temas do cotidiano luandense. Essa despreocupação, frequentemente marcada por divagações e um certo distanciamento de seu tema principal (ou seja, a guerra), é uma abertura conferida pela crônica, gênero que carrega as banalidades. Conectado com a função primordial desse gênero, que é, segundo Jorge de Sá, a de “oferecer uma visão do fato e das pessoas” (2005, p. 56), Helder interessou-se pela “coisa vista”, promovendo uma espécie de estética da testemunha ocular (Cecilia Aare), e pela captura de instantes. Como um fotógrafo com a tarefa mítica de, como afirma Helder, “parar o tempo em um pequeno espaço e garantir-lhe uma ambição de eternidade” (2018, p. 104), ele se armou da crônica para realizar o tempo em sua escrita e mostrar sua realidade cotidiana (e a dos outros). Ao me centrar nos textos reunidos na obra *em minúsculas*, publicada em 2018, proponho analisar a relação entre o gênero da crônica e o trabalho de correspondência de Helder como cronista.

Daniel TAVARES

Instituto Politécnico de Viana do Castelo | Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

Titre : Como um poema deitado à fossa: o primeiro e último Helder

Résumé : No “último Helder”, a morte não tem mestre e resta o poema como rasto, no resto, na montanha eminentíssima de excremento que medra até à vertigem da leitura da extinção: “os grandes animais selvagens extinguem-se na terra,/ os grandes poemas desaparecem nas grandes línguas que desaparecem”. Interessa,

por isso, enformar uma leitura da poesia de Helder a partir do desaparecimento e da extinção. Assim, o “fôlego rouco que irrompe nas pronúncias bárbaras”, que bebe dessa linguagem escandalosa (*skandalon*), acabará “como um cão deitado à fossa” – que vai do feto ao fecal – da ingestão à devolução ao mundo. Explorar-se-á, desta forma, a possibilidade da constituição de uma espécie de “último rosto” poético herbertiano.

Rui TORRES

Universidade Fernando Pessoa | Instituto de Comunicação da Nova

Título : *Húmus* reimaginado: reconfiguração criativa de Herberto Helder e Raul Brandão em *Húmus Poema Contínuo*

Resumo : Esta demonstração criativa explora a reconfiguração intertextual operada em *Húmus Poema Contínuo* (Torres et al., 2008 e 2020), um poema eletrónico multimodal que faz uma releitura criativa de *Húmus*, transitando entre o romance homónimo de Raul Brandão (1917) e o poema de Herberto Helder (1967). Apresentada como uma criação digital, *Húmus Poema Contínuo* exemplifica como os conceitos de plagiotropia, transformação e variação permitem oferecer novas leituras e experiências poéticas das obras precedentes. Como obra interativa, *Húmus Poema Contínuo* utiliza a intertextualidade não apenas como técnica literária, mas como um convite à participação ativa dos leitores. Este diálogo entre textos é enriquecido pela própria metamorfose inerente à remediação digital, evidenciada pela reprogramação da obra em 2020 devido à obsolescência da plataforma Flash, na qual foi originalmente programada, um processo que simboliza a ressurreição e revitalização da própria poesia. Através de uma apresentação performativa, serão analisadas as estratégias de plagiotropia e as variações introduzidas, destacando como as contínuas remontagens contribuem para a liberdade interpretativa e a riqueza de uma poesia contínua, em constante transformação e metamorfose.

Sérgio VALADAS DAS NEVES

Universidade Nova de Lisboa

Título : “Dat rosa mel apibus”: o cultivo dos alquimistas em Herberto Helder

Resumo : Desde o início dos estudos helderianos que a temática e o léxico alquímicos são sublinhados na obra de Herberto Helder, assim como se recorre aos procedimentos alquímicos para tratar dos processos de escrita e reescrita da sua obra. De resto, é ainda recorrente o uso de conceitos e pressupostos alquímicos, na observação dos movimentos metafóricos de transmutação e metamorfose no interior da sua linguagem. O confronto mais directo entre alguns textos e estudiosos alquímicos e a obra de Helder foi encetado por Maria Lúcia Dal Farra e Luís Maffei. Textos da *Tabula Smargdina*, de Paracelso, de Carl Jung ou de Yvette Centeno são casos utilizados pelos autores para o diálogo entre o mundo helderiano e o pensamento hermético. Embora não haja a confirmação dos alquimistas lidos por Helder, nem por que via

ele tenha tido acesso a esse mundo irracional, podemos reconhecer, na sua escrita, uma consolidação do pensamento alquímico. Quem conhecer alquimistas menos lidos, como Basilius Valentinus, Anton Kirchweger, Michael Maier, Thomas Vaughan, entre outros, poderá ler em Helder uma contaminação e um manuseio maduro dos símbolos e metáforas tão caras à alquimia. Ainda que os seus propósitos não sejam os da alquimia convencional, espiritual, tampouco material, ainda que haja uma torcedura desejada e pensada de algumas nuances do mundo alquímico, nota-se o seu interesse pela “lateralidade do ocultismo: magia, astrologia, alquimia”, como o próprio dá conta em “O nome coroadado” (2006, p. 161). Ou, pelo menos, assim nos faz crer. A proposta desta comunicação será, pois, a de navegar pela obra de Herberto Helder, imaginando com que alquimistas e tratados o poeta se cruzou, indagando como deles se alimentou, criando uma alquimia outra e uma poética alquímica. Afinal, poderemos sugerir um Herberto Helder leitor de alquimistas ?

ORGANISATION



PARTENAIRES

Sorbonne
Nouvelle

Crepal
EA 3421

Université
Paris Nanterre

EA 369
ÉTUDES ROMANES - CRILUS
(Centre de recherches
interdisciplinaires
sur le monde lusophone)

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
CHAIRE LINDLEY CINTRA

 Instituto de
Literatura Comparada
MARGARIDA LOSA

CEHUM

CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DO MINHO

saue qui peut
le court métrage 

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

 CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, L.P.

UCA
BU - UniVegE
UNIVERSITÉ
Clermont  uvergne

Renseignements :

CELIS - MSH - 4 rue Ledru – 63057 Clermont-Ferrand cedex 1

Tél. : 00-33-(0)4-73-34-68-32

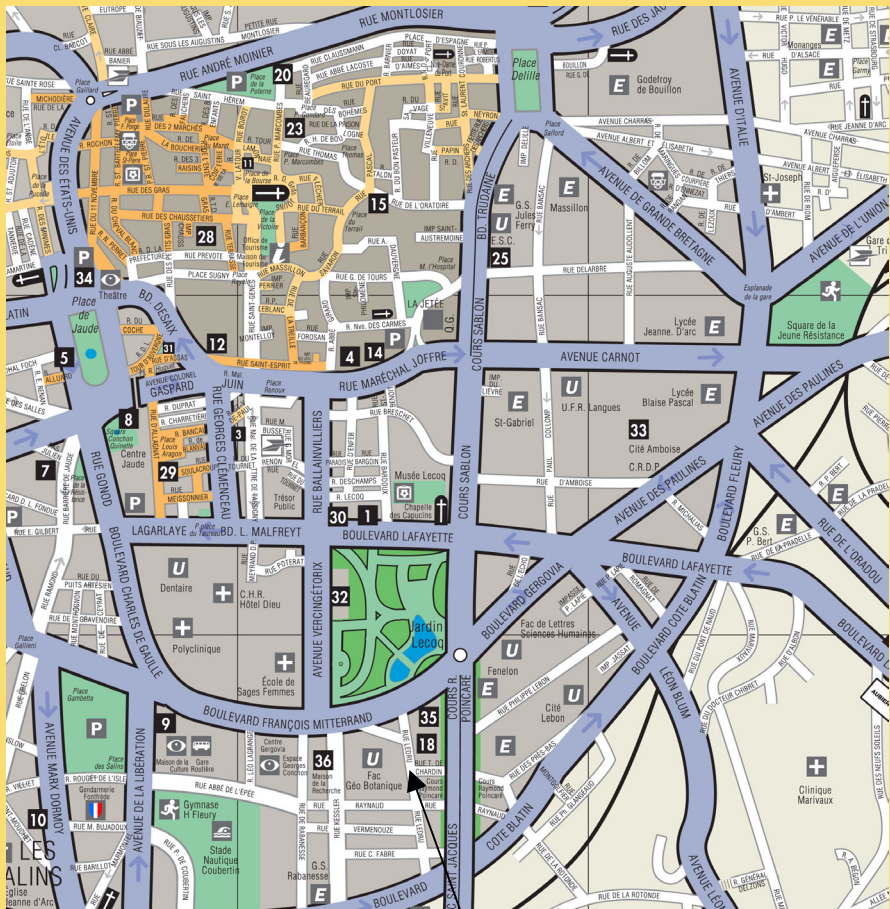
celis@uca.fr

<http://celis.uca.fr/>

Colloque organisé par :

Rita NOVAS MIRANDA (CRIMIC | Sorbonne Université)

Daniel RODRIGUES (CELIS | Université Clermont Auvergne)



MSH 4 rue Ledru